NOTA

IX Fala Professor(a)! – Encontro Nacional de Ensino de Geografia

"A prática do(a) professor(a) à margem: resistências, saberes e poderes"

17 a 21 de julho de 2019

por Jahan Natanael Domingos Lopes
Jéssica Aparecida dos Santos Rodrigues
Larissa Serpentini de Souza
Paulo Roberto da Silva Rufino
Rafael Henrique de Moura[1]

O IX Encontro Nacional de Ensino de Geografia ocorreu entre os dias 17 e 21 de Julho em 2019 na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Organizado e construído de forma colaborativa e horizontal pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) em suas respectivas seções locais, o Fala professor(a)! – Encontro Nacional de Ensino de Geografia – é um evento fundamental no movimento de resistência e de luta política. Assim, esta nota pretende documentar as discussões, reflexões, processos e ações possibilitadas pelo caminho percorrido durante o evento, ressaltando a relevância política das temáticas abordadas direcionadas às práticas de ensino de Geografia.

* * *

1 Nota redigida coletivamente pelos estudantes de Geografia da Universidade Estadual de Campinas, membros gestão 2019/2021 da AGB – seção local de Campinas.

> "Foi, na verdade, trabalhando sobre a realidade brasileira, e com a intenção de ser nela atuante, que me passou pela cabeça a ideia de tratar a questão da cidadania pelo ângulo geográfico" – Milton Santos, *O espaço do cidadão*

> "Neste sentido, a pedagogia que defendemos, concebida na prática realizada numa área significativa do Terceiro Mundo, é, em si, (...) Utópica e esperançosa porque, pretendendo estar a serviço da libertação das classes oprimidas, se faz e se refaz na prática social, no concreto, e implica na dialetização da denúncia e do anúncio, que têm na práxis revolucionária permanente, o seu momento máximo" – Paulo Freire, *Ação cultural para a liberdade*

A nova acumulação por espoliação recentemente vivida pela América Latina através das políticas ultraneoliberais mais recentes acompanhadas da ascensão de governos conservadores de extrema direita, propõe o tom dos encontros e a ordem do dia dos debates que se seguem.

Sucessivos golpes em ataque às tão jovens democracias nos trazem de volta à reflexão de Hannah Arendt[2] sobre a caixa de Pandora, onde as invenções e ações humanas são passíveis de provocar a destruição de si. O mito grego da caixa de Pandora remete à história da esposa de Epimeteu, Pandora, cuja responsabilidade era guardar uma caixa fechada cujo conteúdo era mistério… Assim, tomada pela curiosidade, abriu a caixa de onde saíram todos os males que corromperam o mundo. Na cultura grega, Pandora foi considerada no decorrer da história como elemento da natureza humana de modo que, numa cultura materialista, a produção humana se apresenta como um possível risco a si própria.

Destruições sistêmicas e criminosas como o rompimento de barragem de rejeitos em Brumadinho (MG), o incessante incêndio da Amazônia, a aprovação da reforma da previdência, os projetos de militarização das escolas juntamente com o congelamento das verbas para a educação, o vazamento de óleo no litoral, bem como a escalada da violência de todos os tipos marcaram o debate nacional, e mundial, sobre os modos de fazer política contemporâneos. O contexto político de realização do IX Fala Professor(a)! conforma o que Ana Clara Torres Ribeiro[3] apresentou como crise societária, evidenciada no cotidiano "quando assume a forma de uma violência que era impensável apenas alguns anos atrás e, ainda, quando manifesta-se como individualismo exacerbado, indiferença social e medo".

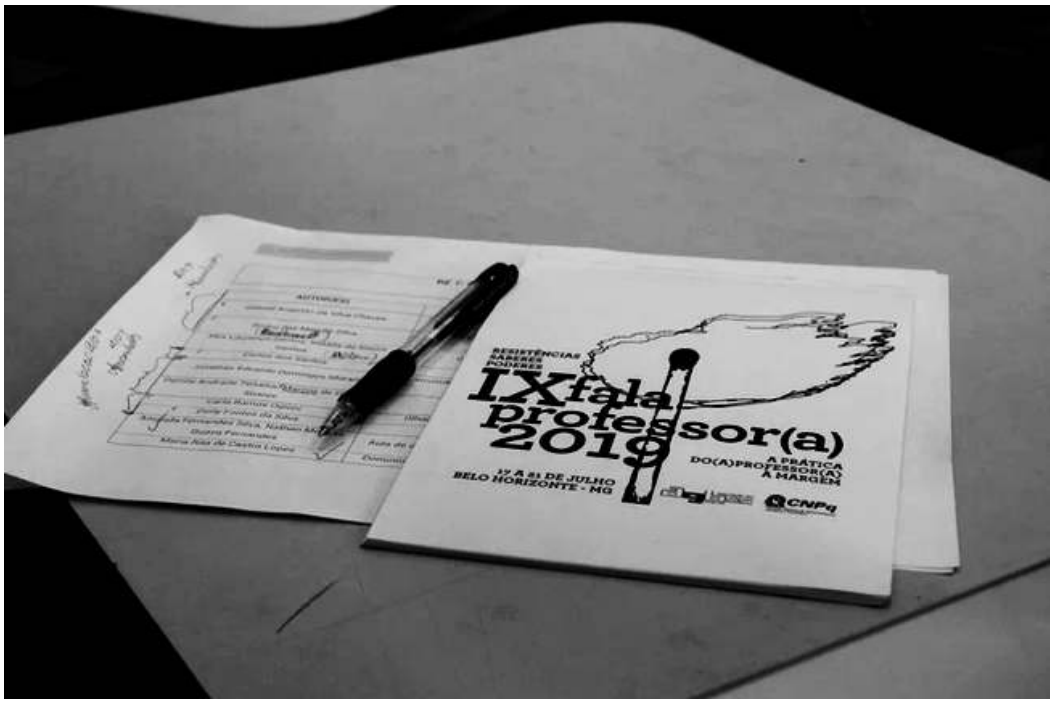
2 ARENDT, Hannah. *A condição humana.* Forense Universitária, 2007 [1º edição: 1958]

3 RIBEIRO, Ana Clara Torres. A cidade neoliberal: crise societária e caminhos da ação. *Observatorio Social de America Latina*, ano VII, n. 21, set.-dez. 2006.

Na medida em que os direitos humanos passam por ataques e transformações tão profundas, beirando à desvalorização da vida, é fundamental insistir no debate em torno da organização da resistência, da negação à ideia do homem como resíduo das preocupações. Nesse sentido, é na reflexão quanto ao espaço do geógrafo por meio da apreensão do movimento da totalidade encontrada no que Milton Santos[4] chamou território usado, o território habitado, trabalhado e vivido por todos, que se recupera uma análise plena de perspectivas e, quem sabe, propositiva quanto a uma nova sociedade.

Acreditamos que todas essas reflexões, encontradas nos meandros do IX Fala Professor (a)!, sob o tema "A prática do(a) professor(a) à margem: resistências, saberes e poderes", que direcionou as temáticas propostas paras as mesas, minicursos e oficinas oferecidos no encontro, possibilitou a todos os presentes uma série de projetos para seguir, bem como o ânimo para encarar a agenda de debates aberta pela geografia.

O evento



Fonte: www.ixfalaprofessor.org

Salas de aula de uma escola pública – a Escola Municipal Belo Horizonte – sendo ocupadas e utilizadas lócus de debates e discussões sobre conteúdos, políticas públicas e as possibilidades, dificuldades e perspectivas do ensino tendo a Geografia

4 SANTOS, Milton. O território e o saber local: algumas categorias de análise. *Cadernos IPPUR*, ano XIII, n. 2, ago.-dez. 1999.

como ponto de partida – esse foi o cenário vivenciado em partes das atividades do evento e que foi escolhido para sediar a nona edição do Encontro Nacional de Ensino de Geografia, que por cinco dias – entre 17 e 21 de julho de 2019 – congregou encontristas de todo o Brasil na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Com a política de ter o(a) professor(a) como protagonista na construção do evento, bem como na participação e atuação em todas as atividades, o evento mais conhecido como Fala Professor vem sendo realizado desde 1987, ano da sua primeira edição, que ocorreu na cidade de Brasília, organizado e articulado pela AGB, com a premissa de ouvir essa categoria e dialogar a respeito do ensino da geografia e da inserção da própria entidade nesse debate nacional.

A Escola Municipal Belo Horizonte está localizada próximo à Pedreira Paulo Lopes, um bairro popular que tem em seu histórico a retirada de rochas para a construção da cidade. Segundo o professor de Geografia da unidade, Derly Fontes, que é membro da Seção Local AGB Belo Horizonte, apesar da proximidade com uma área mais periférica da cidade, na Escola Municipal Belo Horizonte estudava somente parte da elite local. A Escola ficou anos fechada, passando por um projeto de reestruturação pedagógica que viesse atender a realidade de seu entorno. Quando o espaço foi reaberto, passou a ter uma função social, já que inúmeras atividades são realizadas na escola, praticamente 24 horas por dia. Podemos verificar atividades como aniversários, ensaios de baterias, campeonatos de boxe com direito a ringue profissional, campo de futebol de sabão, entre outras. Notamos também que o diálogo entre a coordenação pedagógica e a comunidade é bastante efetivo, o que possibilita ser esse lugar um espaço para a realização do ser social.

O Encontro se iniciou no dia 17 com o credenciamento dos participantes que ocorreu durante toda a tarde na Praça da Estação. No período da noite, o evento foi oficialmente aberto com uma aula aberta realizada na praça Sete de Setembro, comumente chamada de Praça Sete, um dos pontos mais agitados da capital mineira. A aula que deu início ao evento chamou a atenção para a situação política atual. Foi um convite a todos professores de Geografia e a toda a comunidade belo-horizontina, que se agrupou e seguiu após a aula com um cortejo de maracatu nas imediações do centro. O fato dessas atividades serem realizadas ao ar livre é um ponto que deve ser destacado neste Encontro: isso fez com que os encontristas tivessem de circular pela cidade, ao mesmo tempo que levou para a rua as discussões que muitas vezes ficam trancadas na academia. A aula serviu como uma grande chamada pública ao evento, tanto aos participantes quanto à cidade de Belo Horizonte a participarem e juntos construir o encontro. Além deste

objetivo com foco na coletividade na construção do evento, a aula discutiu politicamente o tema do Fala Professor(a)!, levantando a crítica e os posicionamentos frente ao contexto enfrentado pela geografia, pelos professores e estudantes no Brasil e o papel da AGB na luta e resistência no ensino de Geografia do país.

Grupo de Trabalho



Fonte: www.ixfalaprofessor.org

Os Relatos de Experiência consistiram num espaço de exposição e discussão de práticas pedagógicas. As atividades ocuparam as manhãs dos dias 18 e 19 na escola e receberam inúmeros elogios por parte dos participantes. As contribuições ali apresentadas por docentes e estudantes foram compartilhadas de forma diferenciada, saindo do formato padronizado de apresentações em eventos, o que não configurou de forma alguma um problema, muito pelo contrário – todas as falas e contribuições se mostraram extremamente importantes e efetivas. As apresentações foram divididas em eixos temáticos: 1) Métodos e projetos de intervenção didática, 2) Regulação do trabalho docente pelos materiais didáticos e avaliações externas, 3) Escola como espaço de conflito, 4) Educação Especial e inclusiva, 5) Educação de Jovens e Adultos, 5) Ensino de Geografia e questões étnico-raciais, 6) Educação Popular, 7) Gênero e diversidade na escola, 8) Ensino de Geografia e Currículo, 9) Natureza e Meio Ambiente, 10) Educação do Campo, 11) Geopolítica e educação, e 11) Precarização do trabalho do professor. Importante

observar que alguns desses relatos contou com estudantes universitários, professores da educação básica e da educação superior e trabalhadores de escolas.

Observa-se também que os Relatos de Experiência levantaram discussões acerca de pesquisas em andamento, práticas de ensino na sala de aula, atuação em espaços de educação não formal, bem como o cotidiano escolar. Muito do que foi apresentado tinha relações consolidadas com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), mas também com projetos de elaboração de materiais de estudos, mapeamentos, projetos audiovisuais, e trabalho com população imigrante.

Grupo de Trabalho



Fonte: www.ixfalaprofessor.org

Se no período da manhã as atenções se voltaram para as práticas pedagógicas, no período da tarde as discussões se concentraram em torno dos grupos de trabalho (GTs), os mesmos têm sido fortalecidos pela Associação dos Geógrafos do Brasil como metodologia de trabalho coletivo, tanto em relação a sua organização quanto a frequência nos eventos. Os grupos de trabalho que já atuam nas seções locais tiveram a oportunidade de em dois dias (18 e 19) discutir pesquisas e ações realizadas pelas equipes, tendo também nesse espaço de construção a oportunidade de receber a retórica de professores e estudantes que atuam na área, contribuindo com a prática e formação docente ali em discussão. Nos GTs, chama-se a atenção para a permanência do grupo de trabalho de

"Questões alimentares" da AGB São Paulo, que embora seja novo trouxe um debate muito interessante acerca da alimentação estudantil e sua relação com a escola e o ensino aprendizado. O debate foi ainda mais acalorado por ter sido realizado justamente no dia em que o Presidente da República Jair Bolsonaro foi notícia pela frase: "Falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira". Diante disso, os organizadores direcionaram a fala em torno dessa manchete, o que proporcionou a crítica aos assuntos abordados. Portanto, deixamos aqui também a ressalva da importância da manutenção desse grupo de trabalho nos próximos eventos da AGB.

***

"Não há geografia sem drama". A emblemática frase de Yves Lacoste reproduzindo o brado irado de Jean Dresch merece ser relembrada para descrever a Plenária Política da noite de quinta-feira, foram construídas narrativas calorosas, essenciais para reiterar a importância da geografia como ciência e disciplina de ensino, nas falas foram colocados temas como os ataques advindos do atual governo brasileiro, a importância da AGB para a geografia, o Estado e sua relação para com os geógrafos e estudantes de geografia, assim como a resistência que apesar de todo o disparate vive e luta. Por fim, a noite foi encerrada com discursos sobre o sentimento de coletivo que o IX Fala professor(a) conseguiu criar.

A esfera de discussão começou pelas qualidades sensíveis construídas no ambiente, uma sala cheia, com olhares vorazes esperando com ansiedade para poder falar e ouvir o que todos têm a dizer a respeito de temáticas tão abrangentes: tanto os que foram explicitamente encaixados em eixo coordenadores do evento, quanto as que atendem os anseios acerca de temas que ainda que não encaixados no evento necessitavam vir à tona para serem debatidos, tal como o cenário político brasileiro entranhado em neoliberalismo e neoconservadorismo em uma medonha e temerosa gerência que apunhala a ciência, a educação e a política – para, acima de tudo, podemos nos repensar enquanto geógrafos nosso papel nesse cenário.

O drama – calcado em emoção, sinceridade e esperança – estava presente em todas as falas que sucederam. Houve inicialmente uma construção discursiva que descreveu muitos dos problemas que transpassam e confrontam o ato político que era o comparecer naquele diálogo, mas, logo em seguida, houve um reconhecimento de que justamente por tantas forças coagirem contra a permanência de um evento tão simbólico tornava o ato de resistência, que foi o evento, ainda mais valoroso e importante, sendo que o prosseguimento do discurso foi uma construção de caminhos esperançosos que a geografia, e a AGB, pode construir.

Plenária



Fonte: www.ixfalaprofessor.org

Um discurso especial deve ser relembrado, pois a sombra do momento de carga pesada que se instaurou no ambiente após uma série de argumentações sobre o momento desfavorável para a ciência hoje, o que salvou das mágoas que a Plenária Política poderia vir a se tornar foi uma revigorante fala, uma das professoras que trabalha na escola onde o evento aconteceu pediu a palavra e, reanimando todos, nos alertou de que não estamos a precisar de construir ações, haja vista que elas já existem, foi com emoção que ela parabenizou a AGB por construir um evento tão bonito e célebre reunindo professores – da educação básica aos doutores – buscando um debate horizontal e que confirma que a resistência persiste, sendo o encontro prova cabal disso e, portanto, para a felicidade da Geografia Crítica o drama erigiu de maneira completa, acendendo a esperança.

Enfim, o IX Fala Professor (a)! conseguiu reunir por entre os corredores e salas de aula de uma escola pública em Belo Horizonte participantes de diversas localidades, com matrizes teóricas diferentes, constituindo um espaço de debate de ideias plurais e relevantes que consideramos de enorme importância.

* * *

BCG: http://agbcampinas.com.br/bcg